

Queixas de Sarney

Ex-presidente diz que está sendo vítima de perseguição política

29 JUN 1989

BRASÍLIA — Em telefonema de São Luís para Brasília, ontem, o ex-presidente José Sarney confidenciou a um amigo que se sente “vítima de perseguição”. Sarney citou dois recentes episódios de sua carreira política para provar a tese: a impugnação de sua candidatura ao Senado, pelo Maranhão, e o movimento para impedir sua eleição pelo Amapá. “Todo mundo sempre disse que minha vida pública estava acabada, que eu era impopular. Agora, quero concorrer e todos tentam impedir”, queixou-se o ex-presidente.

Na verdade, mais do que simples “perseguição”, Sarney terá de enfrentar a própria legislação em vigor. Ministros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) estudam a legalidade da transferência de título para Macapá. Sarney fez isso no prazo de 101 dias antes das eleições, como manda a lei — mas esqueceu que a mesma lei obriga a transferência a ser precedida de comprovada mudança de endereço de pelo menos 90 dias. “Ele é figura pública. Todo mundo sabe que não mora nem nunca morou no Amapá, mas na Praia do Calhau, em São Luís. Isso pode complicar tudo”, confidenciou um ministro do TSE, certo de que a questão chegará à análise do Tribunal. O TSE já se prepara para o inevitável julgamento.

Sarney acha que a “perseguição” é patrocinada pela frente liderada por seu maior rival no Maranhão, o senador João Castelo, candidato do PRN ao governo, e pelo ex-governador Eptácio Cafeteira, ele mesmo um ex-aliado. Sarney evita fazer declaração pública sobre qualquer assunto e não atende aos constantes pedidos de entrevista. Nos bastidores, porém, ele tem deixado vaziar sua amargura — principalmente em relação a Cafeteira. “Ele (Cafeteira) me enganou. Simulou lealdade, desceu comigo a rampa do Planalto, mas puxou o tapete e me impediu de concorrer pelo Maranhão, pois sabia que eu seria imbatível”, afirmou Sarney, na ligação telefônica.

O ex-presidente só vai se definir sobre a candidatura ao Senado, pelo Amapá, depois do posicionamento do TSE. “Creio que em dez dias tudo isso estará resolvido”, avaliou Sarney, sem esconder o desejo de concorrer. “A política só tem uma porta: a de entrada”, disse. Sarney tem em mãos pareceres de diversos juristas que garantem suas chances de disputar as eleições. Para ele, o grande atrativo de voltar ao Senado, de onde saiu em 1984 para compor a chapa com Tancredo Neves, é a possibilidade de alterar a Constituição de 1988, que tanto combateu durante na fase de elaboração.

“A próxima legislatura terá a incumbência de promover uma revisão constitucional e acho que poderei ser muito útil nesses debates”, afirmou Sarney. Pelo menos um ponto da estratégia política do ex-presidente já está definida: nada de confrontos com o presidente Fernando Collor. “Eticamente, não ficaria bem criticar meu sucessor”, ponderou no telefonema. Sarney foi convidado para participar de seminário, na próxima quarta-feira, sobre a integração de Argentina, Brasil e Uruguai — o chamado Cone Sul. O ex-presidente será o orador da abertura do seminário, em Buenos Aires. Lá, estarão os ex-presidentes Júlio Sanguinetti (Uruguai) e Raul Alfonsín (Argentina), além do peronista Carlos Menén. No retorno, Sarney tratará da questão que mais o preocupa no momento: a sobrevivência política.